

## CAPÍTULO 11

### PAISAGENS HÍDRICAS E MEMÓRIA AMBIENTAL: SOBRE IMAGINÁRIOS E IDENTIDADES UMA ETNOGRAFIA DE ÁGUAS URBANAS NO LANDWEHRKANAL, BERLIM, ALEMANHA

Ana Luiza Carvalho da Rocha<sup>159</sup>

Este capítulo aborda parte dos dados de pesquisa reunidos durante a realização do projeto “Memórias de Paisagens e Territorialidades: Estudo Etnográfico sobre Imaginário, Identidades e Dinâmicas da Cultura na Vida Urbana – Canal Saint Martin/Paris (que não será objeto deste artigo) e Landwehrkanal/Berlim”, com bolsa pós-doutorado do CNPq, como parte da realização de estágio sênior no Instituto Latino-Americano/Universidade Livre de Berlim e no Centro NAVILLE/ Universidade Evry d’Essay, sob a supervisão dos professores Ingrid Kummels (Diretora do Instituto de Estudos Latino-Americanos – Universidade Livre de Berlim) e Stephen Bouqin (Diretor do Centre Pierre Naville – Universidade d’Evry Val d’Essone/Evry).

O eixo central da pesquisa do estágio sênior dirigiu-se, por um lado, para a compreensão das práticas cidadinas dos usos de recursos hídricos, orientadas para a construção de formas de vida sustentáveis no mundo urbano contemporâneo; e, por outro, a partir da etnografia nos canais Saint Martin e Landwehrkanal, para o estudo das dinâmicas culturais diferenciadas, por meio das quais as comunidades urbanas respectivas vêm operando com o tema da gestão de águas urbanas.

Sua origem remonta-se diretamente aos resultados da pesquisa etnográfica conduzida por mim, pelos colegas Ana Paula Marcante Soares e Rafael Devos e pelas bolsistas de iniciação científica Renata Tomaz do Amaral Ribeiro e Debora Beck, durante os anos de 2009 a 2012, sobre o tema de

---

159 Agradeço aqui à CAPES pela Bolsa Estágio Sênior que me possibilitou a pesquisa da qual este artigo se origina: a CAPES financiou o meu estágio sênior em Berlim e Paris.

memória ambiental, paisagem, risco e gestão de águas urbanas no canal do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre, denominada “Habitantes do Arroio”<sup>160</sup>.

O capítulo vincula-se também aos resultados parciais da pesquisa que vem sendo realizada sobre memória de aterros e planícies de inundação em Porto Alegre e região metropolitana; a um projeto que tem por meta a etnografia das transformações urbanas que vêm ocorrendo na orla norte do Lago Guaíba, na antiga zona industrial da cidade e desdobra-se no estudo da memória do trabalho coureiro-calçadista no Vale do Rio dos Sinos, onde se observa a presença dos impactos ambientais para cidade de Novo Hamburgo e cidades vizinhas; além de projetos vinculados ao Laboratório de Linguagens e tecnologias, da Universidade FEEVALE, em parceria com a colega Margarete Fagundes Nunes (Rocha, Nunes e Figueiredo, 2015, 2019). Como pano de fundo estão as políticas de revitalização de cursos de águas em contextos urbanos brasileiros, entre eles os estudos das metrópoles brasileiras, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife (Frúgoli, Andrade e Peixoto, 2006), além de reflexões que venho desenvolvendo sobre memória ambiental e o trajeto antropológico que configura paisagens hídricas no âmbito das políticas públicas de reordenação urbana.

Na pesquisa sobre o canal Saint-Martin e o Landwehrkanal, aderi, por um lado, à etnografia de rua (Eckert e Rocha, 2003) para registro audiovisual do fluxo do viver urbano nas regiões da cidade por onde suas águas se deslocam, em adesão ao estudo dos itinerários urbanos e das formas de sociabilidade das e nas cidades brasileiras contemporâneas, que é a tradição do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Biev, há mais de vinte anos. Por outro lado, em ambos os casos, a pesquisa nutriu-se dos estudos das modernas sociedades complexas, desenvolvidos pela Antropologia Urbana no Brasil, os quais sugerem a relevância de investigarem-se estruturas espaço-temporais (Eckert e Rocha, 2005) que presidem o teatro da vida cotidiana dos habitantes nos grandes centros urbano-industriais do País, sob a óptica de gestos, olhares, itinerários, dramas e intrigas que conformam as paisagens e seus territórios: a Etnografia da Duração (Eckert e Rocha, 2009).

---

160 O projeto “Habitante do Arroio surgiu com a finalidade descrever e interpretar tanto as estratégias imaginadas, quanto os espaços praticados que orientavam os gestos de ocupação que as populações dos diferentes bairros mantinham com as águas do arroio Dilúvio. Para atingir essa meta criou-se o blog [habitantesdoarroio.blogspot.com](http://habitantesdoarroio.blogspot.com) (e, posteriormente, o portal <http://www.ufrgs.br/memoriaambientalpoa>) onde os dados da pesquisa de campo eram progressivamente disseminados nas redes sociais via WEB. Esse projeto teve financiamento do CTHIDRO-CTSAUDE e CNPq.

Isso posto, na perspectiva de uma etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013a) e da etnografia de rua (Eckert e Rocha, 2013b), em parceria com minha colega, tenho procurado investigar a polissemia de significados atribuídos às formas de vida social nas e das grandes metrópoles contemporâneas, cujas dinâmicas culturais próprias desafiam inúmeras vezes a lógica redutora das políticas públicas no Brasil (Magnani e Torres, 2000; Caldeira, 2003; Oliven, 1982; Durham, 2004; Proença Leite e Fortuna, 2009).

## **Descobrimo Berlim e suas paisagens hídricas**

Em particular, relato minha experiência sobre etnografia audiovisual ao longo da paisagem urbana que acompanha o percurso do Landwehrkanal, em Berlim, focando a memória ambiental de sua comunidade urbana e a bacia semântica (Durand, 1996) em que desabrocham no tempo os gestos de revitalização das águas do canal para aquela metrópole, partindo do tempo presente que resulta uma outra Berlim, recriada a partir da queda do “muro da vergonha” e da reunificação da Alemanha, após os anos 1990, e com a qual interagi em minha pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa em Berlim (tanto quanto em Paris) perseguiu toda uma tradição de pensamento de antropólogos que fundaram da Antropologia Urbana no Brasil, em referência à pesquisa em torno de unidade/descontinuidade, fragmentação/homogeneização das formas de vida social nos grandes centros urbanos do país (Velho, 1981). Assim, a pesquisa situa-se no corpo das reflexões que abarcam as publicações: *O Tempo e a Cidade* (2005) e *Antropologia da e na Cidade, Interpretações sobre as Formas Urbanas* (2013a), *Memória do Trabalho e Etnografia de Rua, Estudos de Antropologia Urbana*, ambos de 2015, em que eu e minha colega, Cornelia Eckert, procuramos desenvolver uma proposta de estudos sobre dinâmicas contraditórias que configuram os ritmos temporais e as lógicas espaciais situacionais da vida urbana das cidades brasileiras.

Advogo, neste artigo, a relevância do estudo do “trajeto antropológico” (Durand, 1989a) que con-forma os laços de adesão ou evitação de grupos urbanos a determinadas paisagens hídricas que desenham a vida nas metrópoles contemporâneas, assim como da investigação do cortejo de símbolos, ritos, mitos e tradições arcaicas das quais fazem parte. Por

derivação, e não por acaso, assumo a perspectiva do trajeto antropológico de Durand (1989a), para uma leitura do clássico tema da paisagem (Couquelin, 2000), agora sob a óptica de uma etnografia das paisagens hídricas do canal Landwehr, em Berlim, isto é, relaciono o conceito de paisagem ao de imaginário, tendo como foco de investigação as formas sociais de usos das águas urbanas ao longo do canal sob a perspectiva das origens de sua comunidade urbana.

Nesse contexto interpretativo, ainda que os temas da “questão ambiental” e da gestão de águas urbanas tenham como referência histórica o debate em torno da escassez mundial de água doce e de sua qualidade, defendo aqui que ambos não podem prescindir, por um lado, de estudos mais profundos acerca das formas como os cursos de águas se apresentam aos olhos dos habitantes dos grandes centros urbanos contemporâneos (Devos, 2007), e, por outro, de uma reflexão sobre as práticas ancestrais de uma comunidade de destino nos territórios onde habitam.

As paisagens hídricas guardam motivações simbólicas profundas já que suas formas e arranjos remontam-se “à incessante troca que existe no nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras” de uma comunidade de destino e as “intimações objetivas que emanam do meio cósmico social” onde habitam, numa releitura das ideias de Durand aplicada aos estudos da memória ambiental (Durand, 1989a, p. 29). Disso resulta que cada um dos lugares das nossas metrópoles contemporâneas, apesar dos discursos racionalistas redutores, possuam uma alma singular – o que Maffesoli (1990, p. 210) denominaria de *genius loci*, ou seja, traduzindo em seu interior “uma verdadeira memória coletiva”, vetor do estar-junto-com que lhes atribui suas atmosferas específicas.

Gostaria de destacar, nesta minha leitura do conceito de trajeto antropológico, meu necessário retorno aos estudos fenomenológicos de Bachelard (1988) sobre os processos de extravversão e introversão da imaginação criadora sobre a matéria, para pensar a modelagem das paisagens, relacionando-os à diversidade das personalidades éticas e aos comportamentos estéticos dos diferentes grupos humanos (Leroi-Gourhan, 1975).

Lembro aqui que, nos termos de Simmel (1996), o conceito de paisagem resulta da criação humana sobre uma natureza “morta”, e guarda as determinações de uma cena poética, transformada em pura

arte, criação material e obra da imaginação humana. A “natureza” tocada pela “cultura” não permanece, assim, esteticamente indiferente ao trajeto antropológico da humanidade no planeta, o que resulta, nos termos de Sansot (1996), no dever de ter sempre em mente a apreensão da poética dos territórios urbanos segundo a ambiência sensível que ele comporta, com os habitantes desenhando para si formas singulares do viver coletivo em seus processos incessantes de acomodação-assimilação ao seu ambiente cósmico.

Nesses termos, as paisagens resultam dos gestos de acomodação de um corpo coletivo às intimações objetivas do meio cósmico onde habitam, sempre mediados por suas interações, no plano da imaginação criadora, pelas acomodações subjetivas e assimiladoras, com as suas diversas matérias. Aqui, no meu caso, os cursos de rios, arroios, lagos e lagoas etc. Nesses termos, consideramos que uma paisagem qualquer se conforma através da passagem do tempo, fruto de uma dinâmica incessante do movimento do gesto humano sobre a matéria, gestos esses não considerados como simples encadeamento de ações, mas como cadeia de sentidos (Leroi-Gourhan, 1975).

As obras de infraestrutura hídrica, tais como barramentos, eclusas, hidrovias, aquedutos, canais, pivôs para irrigação, especialmente, são transformadoras das paisagens, e introduzem em paisagens naturais o elemento da ação humana. Ora, um canal, obviamente é uma estrutura básica do sistema hidráulico que resulta da interação das sociedades humanas sobre o fluxo concentrado de um curso de água, obtendo dele uma parte oriunda de um canal natural ou de outra origem de água. E, no trajeto antropológico que originou essa modalidade de obra da cultura humana, os canais surgem por diferentes razões práticas e motivações simbólicas: abastecimento, limpeza urbana, lazer, irrigação, navegação, até o funcionamento de moinhos e mineração, uma das características do mundo romano, além de significar posse, poder, domínio e controle de coisas e pessoas. Na perspectiva de uma arqueologia e história dos canais no Ocidente, é usual a referência às práticas transmitidas pela romanização de inúmeras sociedades e culturas humanas que estiveram sob a influência do processo civilizacional do Império Romano, e adaptaram tais práticas aos problemas locais, em razão dos

usos e funções dos cursos das águas, alterando-as segundo as necessidades de suas populações e de acordo com a paisagem ou território por elas ocupados (Salomon et al., 2014).

Do ponto de vista dos estudos sobre memória e duração (Rocha e Eckert, 2010) reconheço, finalmente, que, em toda a paisagem, habitam mitos, símbolos, significados a serem etnografados pelo antropólogo, que assume a figura do narrador urbano, atuando para que o *genius loci* persevere seu percurso através do Tempo. No plano da função fantástica (Durand, 1989a) que, nos estudos da etnografia da duração, subsidia os jogos da memória, toda a paisagem traz sempre uma luta do homem contra as feições devastadoras de Cronos. Nesse sentido, viver uma paisagem é viver um tempo comprimido na forma de um espaço, pois, para construí-la, torna-se necessário antes imaginá-la e, através dos trabalhos da imaginação, afrontar, confrontar, adentrar a matéria terrestre da qual ela se faz (Eckert e Rocha, 2011).

## Os primeiros passos da pesquisa

Iniciei minha etnografia nos diversos percursos que contemplam o Landwehrkanal no interior da paisagem urbana berlinense, interpretando-os sob as vestes do tema ecologização do mundo (Maffesoli, 2006), decorrente de um processo de ambientação da memória coletiva dos grupos humanos que fundaram os atuais territórios de pertença de seus habitantes. Quanto mais adentrava esse terreno, mais o trabalho de campo desafiava-me a compreender a revitalização das margens do canal, além das experiências urbanas recentes de seus habitantes com o movimento em defesa das árvores que conformam suas paisagens, e onde situo, por exemplo, o *blog* Landwehrkanal (<https://baumschutz.wordpress.com/>), criado em 2009, reunindo os habitantes que por ali circulam e vivem.



Figura 1



Figura 2

Iniciei, então, um percurso intelectual cujos passos retomo aqui, no esforço de refletir sobre as atuais paisagens hídricas do canal Landwehr, compreendendo os *mitologemas* e os *ideologemas* (Durand, 1983, 1997) oriundos dos contos e narrativas nórdicas do passado da Alemanha. Refiro-me à pregnância dos gestos ancestrais da configuração do *sermo mythicus* que denomina a “cultura germânica”, o que não era exatamente o que eu tinha em mente, quando iniciei meu estagio sênior, e suas reverberações na formação do I, II e III Reichs, assim como sua mortificação no interior da Alemanha pós-guerra e de sua divisão em dois territórios (1945-1989) – a Alemanha oriental (República Democrática Alemã, RDA) e a Alemanha ocidental (República Federativa da Alemanha, RFA), ambas originárias do mundo pós II Grande Guerra.

Dessa divisão decorre a de Berlim em duas, a Berlim oriental (zona de ocupação soviética) e a ocidental, para, finalmente, renascer com outras roupagens ao longo da reconstrução da cidade, após a queda do “muro da vergonha”, ocorrida em 9 de novembro de 1989, e onde, na época de meu estagio sênior, assisti ao impressionante processo de revitalização das margens das águas do canal como parte da reunificação do país.

Ao longo do trajeto da pesquisa, portanto, foi como parte dos “imponderáveis da vida real” que me desviei do que havia projetado como meu campo de estudos, tendo em vista o desafio de remontar-me às camadas superpostas no tempo que deram origem aos territórios situados em torno do canal Landwehr, atenta à compreensão da construção de formas de vidas sustentáveis nas grandes metrópoles contemporâneas, em particular Berlim, e sua reserva mitológica. Ou seja, minha

atenção voltou-se para o estudo do simbolismo vegetal que acompanha os rearranjos das ambiências dos cursos de suas águas em paisagens diversas, repletas de árvores, conformando pequenos bosques com trilhas – algumas para pedestres, outras para ciclistas –, sempre com grandes gramados e jardins, muitos deles com áreas de lazer e de esportes. Nas margens, entrecortadas por pontes de arquiteturas dos mais diversos estilos e perpassadas em determinados percursos por estações de metrô, há aqui e ali bancos onde se podem ver muitas pessoas sentadas. Tudo isso, enfim, conduzia-me a refletir sobre o complexo de afetos e representações que orientam o processo atual de reconstrução de parte dessa paisagem berlinenses aos mitos diretores, e às situações que unem os habitantes da cidade às áreas verdes que circundam o canal Landwehr e ao curso de suas águas.

Foi, portanto, nesse cenário que busquei, por meio de diferentes olhares, não só habitar um pedaço singular de um país, a Alemanha, mas também visitar suas imagens fundacionais e escutar as estórias que os espíritos das águas nos contam. Isso acabou me levando a compreender as modalidades das políticas urbanas de revitalização como tributárias da pregnância dos gestos ancestrais da configuração do *sermo mythicus* que denomina a “cultura germânica” e seus “mitologemas” (Durand, 1983, 1997).

## **A situação etnográfica em Berlim**

A cidade de Berlim possui um sistema fluvial complexo que desempenhou importante papel em termos de navegação livre, assim como Paris. Em ambas as cidades, essas funções têm evoluído bastante ao longo do tempo, e continuam sempre se ajustando às novas necessidades dessas metrópoles, agora cada vez mais projetadas como áreas de lazer e de turismo, abdicando de seu sentido original.

Em particular, em Berlim, o rio Spree e os seus canais na paisagem urbana foram relevantes na memória coletiva da comunidade urbana local, pois serviram, após o fim da II Grande Guerra, como separação natural entre a Alemanha do leste e a Alemanha do oeste. Em determinados pontos, ainda hoje, pode-se descobrir a referência às “vítimas do muro”

e seus esforços de evasão da Berlim “comunista”<sup>161</sup>. Nas proximidades da porta de Brandemburgo<sup>162</sup> (onde se iniciou a destruição do “muro da vergonha”, nos anos 90 do século XX), as mortes ocorridas na tentativa de atravessar o rio Spree e seus canais estão marcadas num memorial das vítimas do muro de Berlim, com cruzeiros brancos, onde consta a data de seu falecimento. Igualmente, nas proximidades do portal de Brandemburgo, nos arredores do rio Spree, é que encontramos em Berlim o monumento consagrado ao Holocausto, dedicado às vítimas judias do genocídio perpetrado pelos nazistas durante a Segunda Grande Guerra.



Figura 3

O canal Landwehr mede aproximadamente 11 km de comprimento. Teve o curso de suas águas redirecionado para rio Spree, importante hidrovía da cidade de Berlim, entre 1845 e 1850, de acordo com os planos de Peter Joseph Lenné, conectando-se em sua parte superior com o Rio Spree, no Osthafen (Eastern Porto), em Friedrichshain, e na sua parte inferior, em Charlottenburg, fluindo através dos bairros de Kreuzberg e Tiergarten, conectando-se com os canais Neukölln e Teltow.

Na época de sua construção, na região de Treptow, o canal (inaugurado em 1850) era cercado de uma paisagem de bairros industriais, pobres e populosos, e suas águas serviam para abastecimento da cidade

161 Após o fim da guerra fria, no levantamento das vítimas do muro de Berlim, foi frequente a menção, entre os períodos de 1961 a 1984, de morte por afogamento ou morte a tiros durante as tentativas de fuga da Berlim oriental na travessia de seu curso d’água e de seus canais rumo a Berlim ocidental.

162 Entre o rio Spree e o muro havia, portanto, uma terra de ninguém, onde as pessoas que eram encontradas tentando ultrapassar as fronteiras entre as duas Alemanhas eram fuziladas.

de Berlim, que se expandia além de seus limites iniciais.<sup>163</sup> Foi, portanto, um canal projetado para deslocar o antigo tráfego concentrado até meados do século XIX no curso das águas do rio Spree, e tem sua origem influenciada pelo crescimento dos limites da cidade e o surgimento de novos bairros<sup>164</sup>.

As águas do canal Landwehr, como as do Spree, guardam uma reserva mitológica de situações e acontecimentos históricos de toda a sorte. Por exemplo, Rosa de Luxemburgo, após a sua execução, teve seu corpo ali despejado, tendo sido encontrado seis meses depois. Durante a II Grande Guerra, foi no canal que morreram afogados inúmeros civis e vítimas da guerra que encontravam abrigo em seus muros de contenção, fugindo do avanço do exército russo do distrito de Tiergarten, último reduto do exército alemão contra as tropas aliadas.

Nos dias atuais, o canal Landwehr tem suas áreas ribeirinhas formadas por diversas ocupações, tendo enfrentando nos últimos tempos uma luta da população original do bairro pluriétnico (turco-asiático-italiano) de Kreuzberg em defesa da preservação das árvores em suas margens e, para além dessa comunidade, da acessibilidade do canal à população em geral da cidade. Uma boa parte de seus trajetos, pontes e percursos liga as residências das camadas sociais mais abastadas da região. Após a queda do Muro de Berlim, Kreuzberg, situada na periferia da Berlim ocidental, de repente viu-se no meio da cidade novamente. Nas últimas duas décadas, o bairro teve uma das populações mais jovens de todos os bairros da cidade europeus; estatisticamente, sua população foi trocada por completo duas vezes. Atualmente, ao longo do curso das águas do canal que cruza os limites de Kreuzberg, podemos encontrar inúmeros personagens da cena urbana local, tais como artistas, músicos, atores, boêmios de toda a sorte, frequentadores de bares, cafés e restaurantes que se situam nos arredores do canal, assim como pessoas ocupando suas margens para descansar ou comer ao ar livre. Foi precisamente por sua posição estratégica na Berlim pós-guerra que

---

163 Paris é uma das poucas cidades do mundo a ter um sistema de abastecimento de água dupla, incluindo o veículo água não potável para lavar ruas, parques e jardins de rega, operações de limpeza em esgotos e alguns usuários privados.

164 O canal Saint Martin estende-se por 4,5 km de comprimento, e mais 2 km subterrâneos. Com um percurso que corta os arrondissements X e XI, liga a bacia de La Villette ao porto do Arsenal, que se comunica com o Sena. Entretanto, foi em fins do século XIX que as águas se conformaram à imagem verdadeiramente parisiense da cidade, a partir das reformas higienistas de Haussmann.

escolhi esse bairro não apenas como coração de minha pesquisa sobre o canal Landwehr, mas também como lugar de moradia em meu estágio sênior de pesquisa ao longo de pouco mais de três meses. Foi a partir desse ponto que iniciei meus estudos sobre a memória ambiental das paisagens hídricas daquela região da cidade.

### **Na perspectiva de uma etnografia da viagem**

A pesquisa segue a perspectiva da etnografia de viagem (Payen, 2011), ou do olhar-viajante (Silveira, 2010) no espaço e no tempo, como procedimento de investigação que inspira dispositivos de gravação e estéticas audiovisuais na região dos bairros que ambos os canais cruzam, tanto na cidade de Berlim<sup>165</sup>, quanto na de Paris. Ou seja, as gravações e os registros audiovisuais acompanharam as diferentes formas de constituição das paisagens hídricas do Landwehrkanal, em Berlim, entendendo-se o conceito de paisagem para os efeitos de “fazer-ver”, isto é, produto cultural dos arranjos espaço-temporais diversos de gestos de ocupação das áreas que circundam o seu corpo hídrico, e a transformam de um *pays* (província/terra natal) em *paysage* (paisagem) (Roger, 1997).

Nesse sentido, sob o olhar-viajante, mergulho na reserva mitológica das lembranças da constituição da cidade de Berlim à beira de suas águas e as suas ligações subterrâneas com a memória coletiva dos processos fundacionais de uma comunidade de destino. A pesquisa em acervos, sem dúvida, muito contribuiu para a minha compreensão dos laços simbólicos profundos e latentes que unem as atuais paisagens hídricas do canal às paisagens ancestrais das florestas e dos bosques presentes nas narrativas míticas acerca dos povos germânicos. Com a atenção voltada para as ambiências urbanas do entorno do Landwehrkanal estava o olhar curioso, e, em múltiplos pontos, ignorante de toda uma espessura mítica presente nessa paisagem, que me guiava em direção às suas águas e arredores. O uso do plano de gravação como janela que enquadrava e organizava seus elementos nos termos de uma paisagem revelou-se para

---

165 Empregamos a mesma metodologia de pesquisa já desenvolvida para o caso da pesquisa etnográfica audiovisual nos canais do arroio Dilúvio, em Porto Alegre, e dos arroios Pampa e Luis Nau, em Novo Hamburgo, no Vale do Rio dos Sinos.

mim como uma estratégia para registrar a “natureza ajardinada” (Roger, 1997, p. 51-52) das águas do Landwehrkanal, rumo à decifração de alguns de seus arsenais mitológicos possíveis (Durand, 1983, 1992), mesmo sem ter domínio algum da língua alemã.

No percurso de minhas notas visuais de campo, observava os canais que compõem a paisagem urbana de Berlim, a partir da relação singular da comunidade urbana berlinense com seus cursos de águas e os poderes públicos locais, e percebi que se destacava uma preocupação constante não apenas com a manutenção de suas áreas verdes, mas também com a criação em tais territórios de um cinturão verde de praças e parques, denominados “jardins monumentos”, que reuniam os bairros ao seu antigo curso d’água. Inicialmente, por desconhecer a reserva de motivações simbólicas de uma memória ambiental da e na cultura germânica, herdadas pela comunidade urbana berlinense de seus antepassados, surpreendia-me constantemente com o fato de que os usos das águas do canal, ainda sob o processo de reconstrução da cidade como capital da Alemanha (pós anos 1990), sempre vinham associados aos ideologemas (Durand, 1994) da floresta e do bosque como forma de recuperação de suas margens e de melhorias na qualidade de vida de seus moradores, e onde o movimento Árvores para Berlim e o Canal Landwehr para Todos, ambos do *blog* Landwehrkanal, destacavam-se. Para mim, tornava-se evidente não se tratar, portanto, meramente de um processo orientado para implantação de técnicas alternativas da cidade de Berlim explorar as águas fluviais da cidade em razão de alagamentos ou transbordamento de seus corpos hídricos, ocasionados pelo processo de impermeabilização da superfície das microbacias existentes no solo urbano ou para o provimento de abastecimento de águas de sua população. Voltei-me, assim, para suas razões profundas.

Com essa intenção, iniciei minha jornada rumo à história das águas para as mais diversas civilizações urbanas como a mesopotâmica, grega e romana. Em particular, dediquei-me à história dos canais no Ocidente, onde é usual a referência às práticas transmitidas pela romanização de inúmeras sociedades e culturas humanas que estiveram sob a influência do processo civilizacional, as quais foram adaptadas aos problemas locais em razão dos usos e funções dos cursos das águas, e

alteradas segundo as necessidades de suas populações ou território por elas ocupados (Salomon et al., 2014). Esse foi, portanto, o meu percurso e para o qual convoco o leitor a me seguir.

Sob o ângulo dos estudos de memória das águas urbanas, considero fundamentais os estudos de Salomon et al. (2014, p. 3), assim como outros pesquisadores da área da eco-história, sobre os canais romanos, cuja história dessas estruturas contempla processos socioambientais dispostos no tempo e não apenas no espaço (Faisse, 2018; Grove, 1997; Deléage e Hémerly, 1989; Lekan e Zeller, 1985; Deveze, 1962). Transpor os estudos da história dos canais romanos para o caso da memória ambiental que cerca a recuperação das margens e das águas do canal Landwehr na paisagem de Berlim pode parecer algo distante, mas não é o caso, se enfocarmos um tal processo nos termos de uma etnografia da duração.

Para o autor e seus parceiros de investigação (Salomon et al., 2014, p. 5), a história dos canais abarca o estudo das “modificações antropogênicas” que pode ser observado seja “na manutenção do canal (redesenho, limpeza), nas modificações relacionadas à infraestrutura (restauração de píeres dedicados ao desvio de água)”, seja no processo continuado de “adição de estruturas (estruturas laterais; estruturas transversais como reservatórios, tanques, eclusas, barragens e extensões da rede de canais). Tais “modificações antropogênicas” são aqui interpretadas como parte do trajeto antropológico que acompanha o processo civilizacional da construção das cidades do e no Ocidente, e tributário, portanto, da própria expressão das motivações simbólicas que orientam não apenas o pensamento ocidental sobre as ações que dela derivam sobre o ambiente natural e vice-versa. Ou seja, o que aqui nomeamos como paisagens hídricas dos canais, e que o autor relaciona às “transformações antropogênicas”, integrariam, na leitura que sustento aqui, parte de um certo trajeto antropológico da sociedades ocidentais, urbanas e industriais as quais evocam valores e símbolos peculiares da troca incessante entre o “animal humano” (na busca de seus instrumentos) em relação à imaginação das matérias diversas que configuram o seu meio cósmico – e que, para Durand (1989a), tem como guia o estudo dos símbolos. A razão desse deslize semântico não será gratuita para o caso aqui descrito. Meu esforço é o de compreender a organicidade entre o processo de

recuperação da paisagem hídrica do canal Landwehr e seus usos para lazer e deslocamentos na cidade cuja estética de seus arranjos ficam a meio caminho entre jardins cultivados e ambiências que aludem um ecossistema florestal a partir de suas relações com a preservação dos valores simbólicos e dos gestos ancestrais que marcam ainda hoje o que se costuma denominar a “etnicidade germânica”.

Com estes breves comentários, explicito algumas questões importantes de meus estudos sobre memória ambiental e paisagens hídricas. A primeira delas diz respeito ao fato de que os atuais grandes centros urbano-industriais repercutem esse processo civilizacional que deu origem ao Ocidente moderno, embalados pelo simbolismo fundamental das águas seja para o bem, seja para o mal, em sua estreita vinculação com os complexos culturais que lhe atribuem significados diferenciais no plano do imaginário. Dessa forma, tanto as águas que se fazem presentes no grande ecossistema saariano quanto as que correm pelas florestas escandinavas não têm em si próprias os mesmos valores simbólicos, ocupando lugares distintos na memória ambiental de suas comunidades de destino. Assim como as pontes e os sistemas de drenagem e de abastecimento construídos pelas sociedades humanas, os canais resultam de gestos e técnicas associados aos usos das águas, e sua matéria igualmente a outras tantas obras das culturas humanas que se originam dos gestos e técnicas de domesticação de outras matérias, tais como fogo, ar e terra.

A modelagem dos cursos das águas e todo o seu cortejo e flutuações de símbolos no Ocidente originam-se, portanto, nos territórios do antigo império romano, abastecido por águas por intermédio da construção de aquedutos ou através de canais subterrâneos que as conduziam desde as nascentes – montanhas ou terrenos mais elevados – até as terras mais baixas, ainda que tivessem, no caso da antiga Roma, de cavar túneis para que o declive dos cursos de água chegasse até as suas cidades.<sup>166</sup> Essas águas eram tanto usadas para limpeza das casas e das praças quanto para o abastecimento das fontes, termas e banhos, tendo os aquedutos como sistema de drenagem da água, na medida em que a civilização romana se expandia além dos limites dos fluxos das águas das

---

166 Empregamos a mesma metodologia de pesquisa já desenvolvida para o caso da pesquisa etnográfica audiovisual nos canais do arroio Dilúvio, em Porto Alegre, e dos arroios Pampa e Luis Nau, em Novo Hamburgo, no Vale do Rio dos Sinos.

nascentes e das fontes que lhes serviram nos tempos iniciais do império. Mas, como vou abordar mais tarde, foi no início do século XIX, que se destacou, na Europa ocidental e em suas colônias, a “febre dos canais”, posteriormente substituída pela “febre das ferrovias”, tendo em vista a grande expansão econômica e industrial da época, levando inúmeros países à construção de canais artificiais, reunindo suas áreas produtivas a seus principais centros urbanos e industriais.

### **Florestas, bosques e águas e as suas flutuações míticas**

Na Alemanha, os rios desempenham um papel relevante não apenas para a economia, mas também para a própria história da formação do país como nação, e, em particular, as vias fluviais que cortam a região oeste do país – onde se situam alguns de seus importantes centros urbanos, núcleos industriais, zonas agrícolas, vinícolas e minas –; em contraponto, a região nordeste, repleta de lagos, hoje tem relevante papel no turismo nacional, e, em sua maioria, suas águas dirigem-se do sul para o norte, sendo que muitos dos cursos dos rios nascem em florestas, indo em direção à sua embocadura. Em razão de sua excelente infraestrutura, o Reno e seu sistema de canais navegáveis conecta-se com outros cursos de águas como o Danúbio que, por sua vez, atua como uma segunda artéria fluvial que atravessa a Alemanha, a Áustria, a Hungria e a Romênia<sup>167</sup>.

Para os germanos, os rios como o Reno e o Danúbio são importantes fronteiras simbólicas da imagem dos “filhos da natureza”, em contraposição às atuações das legiões dos romanos ao longo da formação do Império Romano. Por exemplo, os territórios situados na margem esquerda do Reno estão na origem das tentativas frustradas de romanização em larga escala na região Germânia. Ali, próximo das nascentes do Reno, localizavam-se as tribos germânicas de origem gaulesa, o alto curso das águas desse rio (a alta Germânia), a região de florestas e montanhas que contrastavam com o que transcorria na margem ocidental, e a Germânia Inferior, que equivaleria hoje à atual Alemanha<sup>168</sup>. E, por

---

167 Importante destacar que a Alemanha foi pioneira na tecnologia de construção de conexões artificiais entre canais, tendo sido, ao longo da II Grande Guerra, alvo de inúmeros ataques pelas forças aliadas.

168 A Germânia Superior foi uma província do Império Romano, situada na região da Germânia e assim nominada por estar no “alto” curso do Reno em relação à Germânia Inferior, mas próxima da foz.

seu turno, no auge do período romano, o Danúbio<sup>169</sup> também se destacou por ser, ao mesmo tempo, fronteira marcada pela presença de acampamentos militares e sede de fortalezas construídas em razão das constantes investidas do “mundo bárbaro” sobre o Império Romano. Foi ao longo de suas águas que as tropas românicas em operação se moviam e eram abastecidas. Em suas águas, os navios romanos deslocavam-se movidos à vela e remo, tendo na proa um esporão utilizado para colidir com as embarcações inimigas.

Da foz do Reno até a do Danúbio, ou seja, na região situada entre as duas bacias hidrográficas constituiu-se, assim, uma área de contínuo desenvolvimento econômico onde se cruzavam religiões do Cristianismo e outras de origem diversas, como o culto ao caráter viril de Mitras (o Deus da Luz) e as grutas. Importante ressaltar que, no território-mito da Germânia superior, na região mística da Floresta Negra (*Schwarzwald*), prosperaram as lutas das tribos germânicas contra Roma que culminaram com o declínio do seu poder imperial na região, espaço fantástico (Durand, 1989a), em torno do qual se vai circunscrever a bacia semântica (Durand, 1996) dos mitos fundacionais do complexo cultural celta-germânico e suas derivações na memória ambiental da Alemanha moderna. Na confluência de suas águas é que vai prosperar, para o bem ou para o mal, o culto à fúria guerreira de seus deuses “bárbaros”, consolidado na estilística do romantismo alemão oitocentista (Lewi, 1989; Silva e Albuquerque, 2017) em sua batalha literária contra os avanços do império napoleônico sobre grande parte da região da Germânia.

São em tais territórios-mitos (Maffessoli, 2006) que as paisagens hídricas, em forte combinação com as florestas, gerarão mais tarde a figura arquetípica da “nobreza natural” dos povos germanos, “filhos da natureza”, não apenas das “horrendas florestas”, de seus “pântanos fétidos” em contraste com o gosto romano pelos banhos, pelas fontes etc. (Schama, 1996, p. 85). São mitos diretores que se esgotarão nos meandros da Alemanha nazista e nos excessos das narrativas dominantes e mortificantes da “pureza racial” dos povos germânicos em relação a outros povos. Mas

---

169 Ao longo do período romano, o Danúbio foi estratégico para as forças de intervenção romana, zona intercâmbios de todos os tipos com o mundo bárbaro e o anel viário militar ao longo do qual as tropas em operação se moviam e que o transporte pretendia para seu abastecimento.

como o destino de todo mito, como afirma Durand, (1996, p. 101), “é incerto”, é no esgotamento e inflação do estado anterior de tais mitos que se dará a ressurgência dos “filhos da natureza” com outras roupagens, a do ecologismo, num processo que permanece ainda hoje nas formas como as margens do canal Landwehr, em Berlim, vão sendo recuperadas num diálogo intenso com jardins, gramados e árvores plantadas em suas margens que, em muitas das suas passagens, sempre me davam a ilusão de uma cobertura “natural”.

### **As paisagens hídricas e a memória ambiental berlinense**

A seguir, portanto, persigo, na memória ambiental da formação do complexo cultural germânico, a constatação do *sermo mithicus* das águas e do espaço fantástico (Durand, 1989a, 1989b) nos altos das montanha e das floresta por Braudel (1966), aqui interpretado nos termos durandianos (Durand, 1982, 1994) como “destino” de um fluxo mítico.

Perseguindo o argumento que aqui desenvolvo, inicio minha conversão aos estudos dos mitos da natureza e da floresta que estão na origem histórica da Alemanha como Estado-Nação e do movimento romântico alemão *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) em sua reação às hostes do racionalismo iluminista que predominava na Europa ocidental do século XVIII, segundo o qual a “floresta”, em contraste com a “vida urbana”, manifesta-se como expressão do sagrado e da transcendente origem divina do mundo. Portadora de uma mística, a floresta e suas paisagens derivadas conduziram a um conhecimento pela via da emoção (ou talvez do “irracional”) em contraponto àquele ancorado na razão – um movimento que se nutria dos contos e histórias do folclore nórdico, como o caso dos contos de Grimm (Lewi, 1992), aos quais todos nós, em algum momento de nossa infância, tivemos acesso.

Passo, progressivamente, a reconhecer a força mítica da floresta e da natureza das áreas verdes na morfogênese das paisagens que abraçam os rios e canais de Berlim, como o caso do bairro aristocrático de Charlottenburg-Wilmersdorf, próximo ao Spree, localizado no lado oeste de Berlim, e onde se situam os jardins do Palácio de Charlottenburg (*Schlossgarten Charlottenburg*), na outra margem o Parque Austríaco (*Österreich-Park*). Na região em que as águas do rio Spree correm para o canal Lan-

dwehr, há importantes parque e praça que ornamentam o curso das águas desse canal – o *Karlsbad Park* e a *Lutzowplatz*, na área do Tiergarten. A modelagem de espaços verdes invade o canal Landwehr, e prossegue entremendo o curso de suas águas com florestas, jardins e mata plantadas. Aí se localiza a impressionante região formada pelo Jardim Zoológico berlinense (*Großer Tiergarten*): uma vasta área verde entrecortada de cursos d'água, formando pequenos lagos, e por uma enorme avenida, a *Bunderstrasse*, que tem em seu centro o grande pórtico circular onde se situa a Coluna da Vitória (*Siegessäule*) e, no final, o Portão de Brandemburgo (*Brandenburger Tor*). Todas são áreas de convívio coletivo apropriadas pela comunidade berlinense para piqueniques, práticas de esporte, corrida ou simplesmente para andar de bicicleta.

Seguindo o fluxo das águas, vou reconhecendo a difusão do mito das florestas e dos “filhos da natureza” ao redor do Landwehrkanal, como os casos do *Bockler Park*, da *Sportplatz*, onde se localiza o mercado turco das quintas-feiras, do *Maybachufer*, e, prosseguindo, a retomada na paisagem da *Weichselplatz*, do *Tischtennisplatten*, do *Gorlitzepark*, do *Grillplatz* (mais próximo a foz do Spree), *Marie-Juchacz-Denkmal*, próximo da Ponte *Hallesches Tor* e da *Hallesches Ufer*; a *Blücherplatz*, na cercania da *Waterloo Ufer*; do *Elise-Tilse Park* e do *Mendelssohn-Bartholdy-Park*, próximos da *Potsdamer Platz* e o seu quarteirão, área mais moderna de Berlim totalmente reconstruído como símbolo de uma cidade unificada<sup>170</sup>.

O mito da floresta invade também as imagens que fabrico de determinados locais nas margens do canal Landwehr, em geral, próximos às inúmeras pontes que cortam seu curso de águas. Ali descubro os *biertgärten* (jardins das cervejas), áreas comuns, onde há grandes mesas coletivas (*stammtischs*) usadas para a sociabilidade de fim de tarde ou fins de semana, onde se pode rir, se divertir, conversar entre amigos e ainda almoçar, tudo regado a cerveja. E permanecem invadindo o olhar da câmera quando me volto para as áreas do entorno, onde constato que, abraçando as margens reflorestadas do canal, encontram-se praças de alimentação ao ar livre, com árvores, restaurantes e bares.

---

170 Essa foi uma das regiões mais movimentadas da antiga cidade e que ficou totalmente destruída durante a II Grande Guerra, tendo sido, posteriormente, dividida em duas pelo muro, tomando por década um terreno vazio esquecido.

Avanço em meus estudos das paisagens hídricas do Landwehrkanal, e percebo que reparar os canais de Berlim e áreas adjacentes, após a queda do “muro da vergonha”, insere-se em políticas urbanas de recuperação dessas áreas para o processo de reconciliação entre os territórios da Berlim oriental e a Berlim ocidental, assim como de sua comunidade com a natureza de seus cursos d’água, derivados da agitação do tempo sobre suas diferentes estruturas espaciais daí provenientes. O reestabelecimento das margens do canal Landwehr não coloca como central o abastecimento d’água de Berlim ou o saneamento da cidade. Vem associado à reconciliação de uma comunidade urbana com o drama romântico, no sentido simbólico, do que se poderia chamar “espírito germânico”, que persevera, a seu modo, ainda hoje nas ambiências que o cercam.

As trilhas ao redor dos canais passam, então, a ser para mim um convite a caminhadas, à apreciação bucólica dos cursos de águas, da navegação turística em alguns de seus trechos; à observação dos trabalhos de ajardinamentos e de plantio de árvores diversificados, das sociabilidades em lagos construídos ao longo do seu percurso e das formas como os moradores locais aproveitavam suas áreas de lazer, e onde, em alguns trechos, ocorrem feiras e situam-se bares, geralmente próximos a algumas de suas inúmeras pontes.

O olhar-viajante conduzia-me a refletir a respeito do lugar que o canal Landwehr ocupava nesse gesto de toda uma comunidade urbana restituir o culto da natureza ao curso de suas águas, em alusão ao antigo ecossistema das florestas da antiga Germânia. As paisagens hídricas traduziam-se para mim em uma paisagem humanizada das margens dos canais berlinenses, revertendo não apenas as imagens de saturação do antigo ecossistema da região em razão da chamada “revolução industrial” – que se estendeu pela Europa ocidental por vários séculos, mas também possibilitando a reordenação da eficácia mitológica do culto aos “filhos da floresta” e dos “pântanos” da desordem semântica que lhes havia submetido o III Reich.

Foi nessa direção, dos simbolismos das águas e dos canais para a cidade de Berlim, e que se dá no sentido oposto ao que vemos nos grandes centros urbanos do Brasil, que procurei conhecer mais os laços que

unem tais gestos à política de conservação da paisagem e da natureza e à mística da civilização germânica que não apenas presidiu o sonho nazista de preservar a pureza ariana, mas que também remonta ao próprio mito fundacional da floresta primeva e seus seres fantásticos na configuração do Ocidente moderno (Harrison, 1992), em particular, dos germanos como comunidade de destino, ao mesmo tempo em que essas florestas são transformadas em grandes clareiras para a ocupação e exploração econômica.



Figura 4



Figura 5

Nesse percurso, aprofundi a leitura de obras (Confino,1993; Rollins, 1999; Lekan, 1999; Vitte, 2017) que abordavam o surgimento do culto à Natureza como parte de uma “topografia nacionalista”, em que a noção de proteção da natureza (*Naturschutz*) e a proteção do lar (*Heimatschutz*) fundiam-se em uma dimensão estética particular (Vitte, 2017). Em sua maioria, os historiadores e geógrafos que se dedicaram ao estudo das políticas de preservação da paisagem e de conservação da natureza, durante o regime nazista (1933-1945) na Alemanha, constataram que o III Reich, como “império alemão”, apropriou-se do ideário romântico do II Reich que evocava as relações intrínsecas que uniam o caráter do povo germânico à dádiva da natureza (Rollins, 1999).

## As rítmicas temporais, as paisagens hídricas e os “filhos da natureza”

Berlim e sua paisagem urbana passa por diferentes rítmicas nas formas montanhosas, suas florestas e seus cursos d’água, e onde o arquétipo da “natureza” e de seus filhos persevera como um símbolo místico que está na estrutura fundacional não apenas da identidade, mas também do processo civilizacional alemão no interior da Europa ocidental, um percurso que considero fundamental ser remontado nos termos de uma mitanálise tanto quanto de uma mitocrítica (Durand, 1979, 1989b, 1996).

A Alemanha possui regiões fisiográficas muito grandes, como terras baixas que conformam a planície do norte, com inúmeros vales fluviais; a região das mesetas centrais que abrange um território de montanhas suaves, vales fluviais, rios e vales bem definidos; e as cadeias montanhosas que incluem como cordilheiras *Eifel* e *Hunsrück*, *Taunus*, *Spessart* e *Fichtelgebirge*. Os contrafortes do Jura e um grande bosque, na Floresta Negra, estão a sudoeste. No extremo sul, estão os Alpes Bávaros. A maioria dos grandes rios alemães estão na região ocidental. O mais importante é o Reno e seus afluentes, Neckar e Ruhr. Outros rios importantes são Elba, Danúbio, Oder e Neisse.

Na antiga ordem territorial romana, os rios, as florestas e as montanhas da Magna Germânia, assim como os pântanos, sempre foram associados a uma luta constante com a identidade tribal histórica dos povos germânicos pertencentes à esfera cultural da Gália oriental, e, acima de tudo, dos celtas, principalmente dos que abandonaram a margem direita do Reno, e se estabeleceram na margem esquerda, rumo a oeste, para o interior. Por isso, foram capazes de manter sua identidade apesar da presença do Império Romano na região, partilhando os valores tradicionais de uma sociedade de guerreiros e criadores, com seu teatro de culto à “fúria guerreira” e a seus deuses bárbaros, e vinculados organicamente com a região que habitavam: a Germânia. Foi, porém, no século II d. C., durante o império de Marco Aurélio, que as origens étnicas dos povos germânicos foram associadas aos “pântanos imundos” e às florestas (Schama, 1996), em oposição a *civitas* – as cidades romanas. Essa associação torna-se central nessa verdadeira “guerra de ima-

gens” (Gruzinski, 1990) em que a figura humana do mundo da Magna Germânia, em contraste com a construída pelo mundo latino, passa a ser avaliada moralmente, segundo a proximidade maior ou menor com seu “estado de natureza”.

O forte valor do simbolismo arcaico associado aos elementos paisagísticos da alta Germânia aponta para as matas e as florestas como morada dos bárbaros em sua convivalidade com bestas ferozes, seus cultos e iniciações religiosas em estreita sintonia com a geografia fantástica da região. Tudo isso desempenhava um papel religioso e fundamental, portanto território temido, impenetrável, ameaçador e morada de mistérios e seres estranhos. Era uma paisagem que contrastava com a bacia mediterrânea, onde as florestas haviam dado lugar a uma civilização urbana. Nos termos de Schama (1996), os germanos, por sua vez, “ferozes e primitivos”, contrapunham-se, assim, à luxúria, à propriedade e ao gosto pelos segredos que habitavam o mundo latino<sup>171</sup>.

A força primitiva das paisagens hídricas e as florestais (como o caso da Floresta de Teutoburgo) contrapõem-se às nações latinas do sul e àquelas do oeste da Europa. Com o passar do tempo permanecem, derivam, mas não se desgastam em termos de sua potência simbólica de fundação de uma comunidade de destino – aquela contemplada na imagem da “cultura germânica”. Mais tarde, suas raízes vão crescer no coração da constituição do I Reich, ou seja, o Sacro Império Romano da Nação Germânica, numa espécie de reencarnação com valor invertido. Após a derrocada do Império Romano Ocidental pela “invasão dos bárbaros”, tendo como monarca Oto I, em 962, é a sua mística que vai fazer renascer os mitologemas dos povos dos pântanos e das florestas no interior das tradições herdadas do império de Carlos Magno e as suas aspirações de supremacia na Europa.

---

171 Como apontam os historiadores, os povos germânicos não estavam organizados socialmente em Estados, mas em comunidades tribais que funcionavam por meio de “assembleia de guerreiros”. Viviam praticamente do pastoreio e da agricultura, não conheciam cidades, e suas migrações, progressivamente, resultaram no processo de desagregação do Império Romano do Ocidente, fazendo com que as fronteiras romanas nas regiões do Reno e do Danúbio fossem rompidas.

Conforme aponta Elias (1997), na “corrente sanguínea da cultura germânica” do I Reich perseveram as imagens arcaicas da invencibilidade de suas tribos originárias. Uma promessa heroica de um império que, mais tarde, sofrerá um revés promovido pelas lutas e conflitos internos constantes entre os príncipes regionais protestantes reinantes e a casa imperial, católica, distanciando o processo civilizacional da Germânia do ritmo que pautava a formação do Estado nas outras sociedades europeias da época.

No Estado Alemão medieval, a mitologia das florestas, das águas e dos pântanos, vai, assim, propagar-se, conduzindo o culto da aspereza da Germânia ancestral a um novo deslocamento, cujo marco inicial é a Guerra dos Trinta Anos e seu cortejo de epidemias, mortes, fome, devastações florestais e de bosques, por onde transitavam bandos de homens, pilhando, queimando e matando sob o protetorado da nobreza. Tal situação recrudesce com a chegada de Napoleão Bonaparte I ao poder, em 1806, na França, e de seu sonho igualmente faustiano de construir seu próprio império continental como modo de unificar a Europa, e, logo após, com a perda do prestígio e poder da dinastia da Casa dos Habsburgo em meio a rivalidades com outras dinastias.

Nessa época, o território onde hoje se situa Berlim era uma residência ducal. Assim permaneceu até meados do século XIX, momento em que sua paisagem urbana de poucas praças e áreas verdes, além daquela que existia na avenida *Unter den Linden*, a qual dava acesso ao jardim real do *Großer Tiergarten*, antiga área de caça da nobreza local, transformou-se. Foi ao longo do II Reich que a atual região de Berlim teve suas áreas úmidas drenadas, para dar lugar a caminhos, a amplos relvados, a clareiras, a jardins e a pontes cortados por pequenos cursos d’água, lagos e pequenas ilhas cobertos por grupos de árvores. Havia também o *Invalidenpark*, localizado na antiga área de plantação de hortas que abastecia os incapacitados pela guerra que habitavam a Casa dos Inválidos.

Mas é sob os escombros das aspirações monárquicas e soberanas de Napoleão III que se ergue o II Reich (1817-1918), celebrado como o II Império Alemão (*II Deutsches Reich*), sob regime monárquico ampliado por conquistas coloniais de vários domínios ultramarinos espalhados pela África, Ásia e Oceania. É numa tal ambiência psicossocial que a

fecundidade das imagens das florestas, repleta de bruxas, feiticeiras, caçadores, lobos e ursos ferozes, como despontam nos contos dos irmãos Grimm (Andre, 2019), vai renascer em meio à transformação das paisagens urbanas da Alemanha do II Reich, repleta de áreas cultivadas, jardins, árvores e gramados que recriavam uma paisagem florestal “plantada” onde os habitantes da cidade podiam caminhar ou explorar suas ambiências e atmosferas, ao lado das águas, sob a modelagem de canais.

Da unificação da Alemanha, em 1817, até a abdicação do Imperador Guilherme II, em 1918, Berlim permaneceu sua capital, e os estados da Alemanha rapidamente industrializaram-se, com pontos fortes em carvão, ferro (e depois aço), produtos químicos e ferrovias. Em uma Europa ocidental cada vez mais adepta de uma civilização urbana, na Alemanha do II Reich, em que a *Wald* (floresta natural) transforma-se na *Forst* (floresta plantada), é notadamente esse o instante em que, na Alemanha, propagam-se os fundamentos do movimento romântico alemão (na literatura, na poesia, na música, nas artes plásticas etc.) e cuja sensibilidade vai explorar o laço profundo, arcaico e duradouro que une a alma do povo alemão, sua língua, suas tradições e seus folclores à terra onde ela fincou suas raízes, ou seja, nas florestas e nas matas (geradas pela imaginação medieval) nas quais esse povo viveu seus momentos mais heroicos.

Foi um período em que o apreço pela “floresta plantada” entre os berlinenses deu origem à criação de faixas projetadas para as vias internas de deslocamento de Berlim e para as suas áreas adjacentes, além da remodelação do *Kleiner Tiergarten* que fazia parte das áreas de caça que passavam a ser sacrificadas com a criação de trilhas e áreas de lazer. Nas proximidades das águas do Spree, ao norte da capital, nasce o importante porto fluvial de Nordhafen (hoje transformado em áreas verdes), com o objetivo de desafogar o intenso tráfego marítimo que ali se concentrava. Da mesma forma, importantes canais fluviais urbanizados começavam a ser construídos, como o caso do Landwehrkanal, os quais foram ampliados ao longo do curso dos anos, originando conexões entres eles no interior da malha urbana da época.

Rapidamente, o novo império germânico rivaliza, no plano econômico, com a maior potência da época, a Grã-Bretanha, apesar de ter chegado tarde na disputa colonial por territórios. Ele consegue assegurar um império

ultramarino de dimensões respeitáveis, e projeta-se, sob regime monárquico, como um moderno estado nacional, centralizado, com soberania sob todo o seu território, em conformidade com os modelos que já haviam seguido as outras nações europeias e americanas. Nesse momento, a centralidade do tema da floresta alemã (*Deutscher Wald*) finca novamente suas raízes na construção da identidade nacional alemã, no plano do imaginário, para a formação da nação germânica em fins do século XIX, em contraponto com a cosmovisão das cidades como parte do domínio da civilização francesa sob as vestes do império napoleônico na Europa.

Mas é, explicitamente, a partir de 1880, com o governo de Bismarck que o *sermo mithicus* das narrativas literárias, poéticas, artísticas, musicais, e até mesmo das de cunho científico, reverbera mais uma vez a ideia da pureza racial no complexo cultural germânico, referindo-se à de pureza natural a partir do ideário do *Heimat* (Rollins, 1999, p. 6), e, dessa feita, pela via da “militarização da natureza”. Segundo o autor, nesse momento, consolida-se uma “topografia nacionalista”, em que a noção de proteção da natureza (*Naturschutz*) e a proteção do lar (*Heimatschutz*) se fundem em uma dimensão estética e onde as relações entre a identidade cultural da “germanidade” e a “paisagística” articulam-se de forma organizada em torno de um território específico, moldando a *Volk* alemã. Todas elas são expressões tributárias de determinadas figuras míticas e mitos diretores de uma memória ambiental “germânica” e de suas paisagens fantásticas.

Uma perspectiva que o colonialismo alemão transplantou para suas colônias em África e Ásia, reviveu o que Elias (1997) denominaria de “dicotomia ocidental” entre cultura e natureza e a polêmica entre “preservação” *versus* “desenvolvimento”, imposta às colônias ultramarinas, e nas quais a vida selvagem é vista como um empecilho à civilização. Tal paisagismo germânico vai ancorar as práticas do “sanitarismo colonial” como forma de redução de doenças de transmissão animal associada à fauna selvagem, e que resultou em matanças indiscriminadas de inúmeros mamíferos associados à transmissão de tais doenças. O imaginário colonial germânico nutria-se seja em África, seja na China, da mesma mística de civilização germânica (Corrêa, 2011; Daher, 2013), pautando-se pelo imperativo “domesticação da natureza”, o que representou,

ironicamente, o desmatamento de áreas de florestas naturais na intenção de tornar tais regiões “produtivas”. O processo de “imperialismo ecológico” (Crosby, 1986) descreveria, assim, essas formas de posse territorial do II Reich como características do processo de colonização “germânica” em África e Ásia, de fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Eram espécies de medidas de proteção ambiental que atuavam como instrumento de controle dos recursos naturais de suas colônias, tanto quanto das populações que nelas habitavam (Dahuer, 2013). A ambiência psicossocial da colonialidade germânica comporia, na nascente Alemanha, o ideograma tanto das primeiras leis de proteção da natureza (*Naturschutz*) quanto da fundação de organizações não governamentais, inspiradas na lógica romântica de que cada comunidade deveria cuidar do seu *habitat*, protegendo árvores, rios e florestas em prol da vida selvagem, e seguindo rigorosamente as assim chamadas políticas de planejamento e conservação da paisagem regional (*Landschaftspflege*). (Wettengel, 1993, apud Lekan, 1999).

De uma forma ou outra, desde fins do século XIX é que perseveraram os mitos fundacionais do paisagismo das florestas como forma de preservação e manutenção da germanicidade, significando, ao mesmo tempo, que a defesa da “paisagem”, simbolicamente, estava associada ao gesto de defesa do caráter nacional. É um gesto que se intensifica após a II Grande Guerra, na morfogênese das políticas urbanas para as cidades alemãs atingidas pela guerra. Elas retomam a pregação a respeito da preservação dos rios, das florestas, dos lagos, do solo, dos animais, reunidos, segundo os fundamentos do romantismo alemão, numa totalidade harmônica. O contexto geográfico de Berlim acolhe o culto às árvores, às áreas verdes e à “natureza” em sua paisagem urbana. Os jardins eram criados cuidadosamente como lugares de exercício, recuperação, conversa sociável, e onde o contato com a natureza representava formação e aperfeiçoamento dos costumes. A concepção romântica da floresta (Lewi, 1992) contrapunha-se ao deserto das cidades francesas, à futilidade da vida na corte, numa crítica ao racionalismo, à técnica e à modernidade que figurava na Europa do século passado e que vai germinando e dando novos frutos; um nacionalismo singular ligado espiritualmente à floresta, agora em sua feição de bosque ou de arvoredo.

O advento do II Reich representou para Berlim, portanto, um dos seus momentos mais marcantes na forma como os jardins públicos e os canais de suas águas habitam a memória ambiental da sua comunidade urbana, não apenas para o processo de ampliação das áreas destinadas à criação de parques públicos, mas também para a manutenção de suas áreas verdes e seus viveiros. Plantação de árvores, criação de balneários, campos esportivos e instalações de lazer constituem as melhorias da paisagem urbana local. Em decorrência, a capital alemã, sob os efeitos da industrialização, instituiu uma estrutura de planificação urbana para neutralizar os problemas sociais e sanitários em habitação, criando-se um zoneamento para suas áreas, seguido de um plano de tráfego e de um plano de espaço aberto em toda a cidade e, já nos primórdios do século XX, até mesmo um estabelecimento de um plano de uso da terra para a Grande Berlim.

Foi, porém, no transcurso da fundação do III Império Alemão (III *Reich*), numa revisita aos mitos fundacionais do Sacro Império Romano-Germânico (séc. XIII), que a “cultura germânica” descobre o lado nefasto das imagens arcaicas da natureza (*Naturschutz*) e da proteção do lar (*Heimatschutz*), com a ascensão do regime nazista, sob o comando de Adolf Hitler. A nostalgia das imagens da floresta da Europa oriental, repleta de grandes árvores, como carvalhos e nogueiras, de arbustos e musgos que contrastavam em densidade e volume com a floresta plantada em linhas, enchia, como diriam alguns, o coração e os olhos da Alemanha de uma felicidade profunda e secreta, ainda que as florestas veneradas como seiva para a cultura germânica estivessem sendo exploradas de forma intensiva<sup>172</sup>.

A Berlim sob o III Reich sofreu, como muitas outras cidades alemãs, reflexos de teorias raciais nazistas sobre a tópica sociocultural (Durand, 1996) originária dos “filhos das florestas” e dos “bárbaros dos pântanos”. Em sua perspectiva, as grandes metrópoles europeias (em oposição ao *locus* simbólico da morada “ariana” da floresta e dos bosques) eram consideradas a fonte da degeneração moral da “raça huma-

---

172 Por um lado, os usos dos mitos da antiga Magna Germânia criam fronteiras imaginárias entre os povos, numa outra dimensão, diferenciando os germânicos, povos das florestas e “filhos da natureza”, dos eslavos “povos das estepes”, assim como dos judeus, “povos do deserto”. Estas eram consideradas as bases morais para a retórica nazista da pureza racial em alusão ao povo alemão.

na”, em alusão às formas do “ser judeu”. Diferentemente do II Reich, as políticas de preservação da paisagem e conservação da “natureza” durante o regime nazista não apenas eram as responsáveis pela “personalidade nacional”, mas também pautavam a unidade de seu poder. Nessa rítmica espaço-temporal, montanhas, rios e florestas passaram a compor a propaganda nazista em seu culto à pureza do solo alemão e à pureza dos frutos da natureza humana que ali brotavam. Conforme aponta Rollins (1999, p. 7), é dessa época a criação de leis voltadas para a proteção da paisagem na bacia do rio Reno, como já indicado, cosmologicamente considerado pelos alemães como o berço (*Heimat*) que hospedava a alma do povo alemão. Segundo o autor, a reforma ambiental veiculada pelo nazismo significou um grande processo de reconstrução das florestas nativas e as que existiam foram transformadas em “reservas naturais nacionais”, “sinônimo racial e de purificação racial” (Rollins, 1999, p. 10).

Tragicamente, como resultado da II Guerra Mundial, a paisagem urbana de Berlim foi devastada. Prédios históricos, residências, canais, parques e monumentos foram totalmente destruídos (um terço do total da capital) ou irremediavelmente danificados; milhões de metros cúbicos de escombros espalhavam-se pela cidade. Espaços verdes tinham sido destruídos para a construção de *bunkers*, trincheiras e barricadas, ou eliminados por bombas durante a batalha entre alemães e tropas aliadas que avançavam pela cidade. Ao final, arvoredos dos antigos parques e praças haviam sido destruídos para uso da madeira como combustível. A paisagem urbana de Berlim sofreu o maior revés de sua história.

O lamento pelas mortes das árvores (Rollins, 1999, p. 6), a devastação das plantações e a destruição do solo por bombardeios e a construção de trincheiras em decorrência da II Grande Guerra e, logo após, a divisão da Alemanha em duas (oriental e ocidental), além de sua recomposição posterior à queda do muro, proporcionou, todavia, um outro percurso, mais feliz, para os mitos diretores das águas e das florestas na memória ambiental dos germânicos, agora no território de uma comunidade urbana unificada, como presenciei em meu estudo sobre o Landwehrkanal, em Berlim.

## À guisa de conclusão

Chego, assim, ao final de meu relato da experiência etnográfica em Berlim, reconhecendo que as paisagens hídricas do Landwehrkanal e de suas margens não compõem apenas parte de uma política de defesa da natureza e de reflorestamento da cidade em áreas destruídas pelas guerras e devastadas pela separação de sua comunidade, a partir da construção do muro que dividiu a Alemanha em duas.

No pós-guerra, na Berlim oriental, o foco foi a reconstrução de instalações desportivas do *Pionierpark*, como locais para encontros nacionais e internacionais de jovens, a construção de áreas residenciais simples e espaços residenciais verdes, um complexo formado de prédios de apartamentos, creches, jardins de infância e escolas, e centros de recreação, instalações desportivas, centros de bairro e elementos de estrada verdes. Havia a preocupação com a manutenção dos espaços abertos largos, a recuperação de parques atingidos pela guerra e a construção progressiva do muro e de seu sistema de proteção contra fugas. Os parques foram planejados no âmbito desses espaços residenciais, inclusive integrados nelas. As áreas amplas foram reservadas para futuros desenvolvimentos verdes. Na Berlim ocidental, ao longo do curso das águas do Spree, na área central da cidade, e seguindo o percurso dos canais dentro do perímetro urbano, antigas vias de transporte de cargas, assim como seus portos, foram transformadas em espaços verdes. O embelezamento de Berlim passa a ser prioridade para a recuperação de suas áreas verdes, devastadas pelos bombardeios das forças aliadas.

As paisagens hídricas berlinenses que eu buscava registrar, principalmente, conduziram-me por caminhos antes não previstos. Elas me levaram a olhar as tribulações dos mitos fundacionais dos “filhos da natureza” na formação de uma comunidade de destino, rumo à secularização de suas figuras míticas, o que permitiu aos cursos de águas que banham a cidade de Berlim serem integrados, organicamente, ao paisagismo florestal da malha urbana, ao longo do seu longo percurso.

Considero que, na reconstrução de Berlim, a reconciliação da comunidade urbana local não se deu apenas no diálogo com os arquétipos das florestas e dos seus “filhos da natureza”. A paisagem berlinense re-

descobriu, no pós-guerra, por exemplo, a mística das montanhas, que renasce no conceito de cascalho-montanha como forma de dar um destino aos escombros, incluindo o de plantio de árvores e vegetação por sobre eles, para moldar o renascimento da capital alemã, antigamente dividida em duas por um muro.

Com a reunificação da Alemanha, as duas Berlins foram reunidas mais uma vez por uma administração comum, tendo o centro da cidade interligado às áreas circundantes por parques e espaços verdes ao longo dos rios, canais e linhas ferroviárias. Os espaços públicos abertos (praças, jardins da cidade, parques de bolso, parques urbanos, áreas de ruas arborizadas e quintais) assumem um valor significativo na reconstrução de Berlim a partir de sua grande variedade de formas. Um programa verde de emergência incluía a restauração do *Großer Tiergarten* e a *Humboldthain*. A reconstrução da cidade, começando por seus jardins públicos, foi retomada no coração da memória ambiental dos berlinenses que habitavam essa parte da cidade, a partir de um conjunto de leis para a proteção de monumentos, da natureza, do desenvolvimento urbano associado intimamente à gestão de espaços verdes, nos moldes do *open-space*. As chamadas tiras verdes formavam uma rede interligada entre si e, por vezes, as principais grandes tiras verdes interligavam-se por caminhos peatonais. A presença dos canais foi aqui fundamental, e todos foram restaurados. A concentração de residências na antiga parte central da cidade foi abandonada em favor de construção de áreas residenciais mais afastadas. O centro foi considerado área de reconversão, tendo sido construído um sistema de transporte que unia as áreas residenciais às comerciais e às industriais, por vezes, ameaçando a presença dos jardins e das áreas verdes.

Nas últimas décadas, as áreas laterais do banco do Spree, Landwehrkanal e Teltowkanal ganhou importância como espaço de lazer perto do centro da cidade. Em Friedrichshain-Kreuzberg vários parques, espaços verdes e as chamadas «janelas verdes», nas laterais dos bancos do rio têm sido desenvolvidas com base no plano de mitigação urbana para novos projetos de edificação, priorizando a criação de espaços verdes na região de seus rios, lagos e canais.

A sincronicidade mítica do culto à “paisagem natural”, à floresta, às montanhas persiste, assim, de muitos modos, na preservação dos cursos

de águas, tanto em Berlim quanto nas outras cidades alemãs, redesenhando com novas formas as paisagens dos bairros que são por elas cortados. No caso de Berlim, o canal e o fluxo de suas águas fazem parte dessa extensão lógica e cosmológica de reconciliação de uma comunidade urbana reunificada com o sentimento da *Heimat*, como vimos, agora em outros termos. A organicidade entre o percurso artificial das águas do canal e o arranjo estético de suas margens faziam de suas paisagens hídricas uma expressão estética com os temas fundacionais do culto à paisagem teutônica e da etnicidade germânica retomados nos termos de uma Berlim unificada, moderna, urbana e industrial, capital da Alemanha.

O desgaste do “chauvinismo ambiental” (Rollins, 1999) e uma revisão do ideário da proteção florestal que o II Reich defendia em suas colônias apresentam-se, hoje, na Alemanha, sob outras vestes; dessa tópica sistêmica que reúne os filhos das florestas aos grandes centros urbanos, para o bem ou para o mal, desponta agora o culto dos berlinenses a parques, a praças, a hortas urbanas e a áreas ajardinadas, assim como às sociabilidades coletivas em espaços abertos (*open spaces*) que, atualmente, predominam nas margens das águas do canal Landwehr, principalmente quando se pensa uma cidade que foi devastada pelas bombas ao longo da II Grande Guerra, e que, logo depois, sem trégua, foi dividida por um muro.

Penso que essa foi a forma pela qual uma comunidade urbana pôde reconciliar-se com suas tradições culturais – e, ao mesmo tempo, disciplinar as múltiplas paisagens em ruínas (o Memorial do Muro de Berlim, a Igreja da Memória (*kaputte kirche*), a *Anhalter Bahnhof* etc.) transformadas em museus (o Museu do Holocausto, o Museu *Checkpoint Charlie*, a Topografia do Terror etc.). A dimensão estética originar-se-ia do homem das florestas no coração do teatro da vida urbana berlinense contemporânea.

Uma etnografia que se ocupe de cursos de águas urbanas precisa dedicar especial atenção não apenas às feições sonoras e visuais do fluxo de suas águas, mas também às suas outras facetas, tais como as margens, as árvores, o trânsito, os prédios, os viadutos, as pontes, os animais, as avenidas que compõem cenários singulares ao longo de seu

percurso e, no decurso do tempo, no interior de uma cidade. No caso do canal Landwehr, o desafio foi interpretar as paisagens hídricas diversas que nele habitam, reunidas numa totalidade orgânica e cósmica, e que foram moldadas pelos diversos momentos históricos vividos por uma comunidade urbana. Elas acomodam e assimilam, no tempo e no espaço, os diferentes usos, articulados entre si, daqueles que se apropriam de suas margens e do curso de suas águas, segundo suas respectivas motivações simbólicas.



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26

## Lista de figuras

Fig. 1. Cartão postal, Pharus, Leporello: Wo ist die Mauer? (Die Mauer heute)

Fig. 2. Henri Cartier-Bresson, Berlim, 1962. Disponível online: <https://www.peterfetterman.com/artists/75-henri-cartier-bresson/works/35421>. Acesso: 14/12/2013.

Fig 3. Percurso do Landwehrkanal, Berlim, Disponível online: <https://m.megaconstruccion.net/?construccion=landwehrkanal#&ui-state=dialog>. Acesso: 14/12/2013.

Fig.4. Kundgebung der Amtswalte. Disponível online: <https://pt.wikipedia.org/>. Acesso: 17/10/2013.

Fig 5. Fotografia Georg Pahl. NS-Boykott gegen jüdische Geschäfte. Berlim, 1 de abril de 1933. Disponível on line: <https://pt.wikipedia.org/>. Acesso: 17/10/2013.

Fig. 6. Ilustração e Edição George Cruizhank. London: D. Bogue / Routledge, Warne & Routledge, 1853, 1854 & 1864. Disponível online: <https://www.davidbrassrarebooks.com>. Acesso: 22/08/2019.

Fig.7. Hallesches Tor und Belle- Alliance-Platz. Ansichtskarten/M/Kreuzberg Berlin, 1900. Disponível online: <http://www.zeno.org/Ansichtskarten>. Acesso: 14/12/2013.

Fig. 8. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Baerwalbrucke, Berlim 2013, Ana Luiza C. Da Rocha.

Fig. 9. Landwehrkanal, Berlin, 1945. Disponível online: <https://br.pinterest.com/pin>. Acesso: 17/10/2013.

Fig. 10. Potsdam após o bombardeio 1945, ruínas a margem do canal Landwehr. Disponível online: <https://www.potsdam.de/content/1933>. Acesso: 14/10/2013.

Fig. 11. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Potsdamer Brucke, Landwehrkanal, Ana Luiza C, da Rocha, Berlim, 2013.

Fig. 12. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Urbanhafen, Berlim, 2013, Ana Luiza C. da Rocha

Fig.13. Ilustração e Edição George Cruikshank. The History of Jack & the Beanstalk. Routledge, Warne & Routledge, 1853, 1854, 1854 & 1864. London: D. Bogue. Disponível online: <https://www.davidbrassrarebooks.com>. Acesso: 22/08/2019.

Fig. 14. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Urbanhafen, Berlim, 2013, Ana Luiza C. da Rocha

Fig. 15. Canal Landwehr, 1946. Fotografia Cecil F.S. Newman © Stadtmuseum Berlin. Disponível online: <https://www.tagesspiegel.de/mediacenter/fotostrecken/berlin>. Acesso: 14/10/2015.

Fig. 16. Fotografia Peter Shagen Landwehrkanal, Berlim em 22/09/1986 Canal Landwehr entre Treptow/Kreuzberg. Disponível on line: <https://www.flickr.com/photos>. Acesso: 14/10/2013.

Fig. 17. Cartão postal, Berlin, Kreuzberg, Anhalter Bahnhof, 1899. Ansichtskarten/M/Kreuzberg Berlin. Disponível: <http://www.zeno.org/Ansichtskarten>. Acesso: 14/12/2013.

Fig.18. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Hercule Ufer, Landwehrkanal, Berlim, 2013, Ana Luiza C. Da Rocha.

Fig. 19. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Planufer, Landwehrkanal, Berlim, 2013, Ana Luiza C da Rocha.

Fig. 20. Ruínas do canal Landwehr em Kreuzberg Corneliusbrücke, 1945. Disponível online: <https://www.pinterest.de/pin>. Acesso: 20/10/2013.

Fig. 21. Teltow brücke, Landwehrkanal, 1945. Disponível online: <https://www.berlinluftterror.com/blog/steglitz>. Acesso: 14/12/2013.

Fig. 22. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Flutgraben, direção foz do rio Spree, Landwehrkanal

Fig. 23. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização). Tiertgarten, Landwehrkanal, Ana Luiza C, da Rocha, Berlim, 2013.

Fig. 24. Fotografia PETER SHAGEN, Berlin, 22/09/1986 Landwehrkanal zwischen Treptow/ Kreuzberg. Disponível online: <https://www.flickr.com/photos>. Acesso: 14/10/2013

Fig. 25. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Hercule Ufer, Landwehrkanal, Ana Luiza C, da Rocha

Fig. 26. Frame Documentário Paisagens hídricas em Berlim (em fase de roteirização) Waterloo Ufer, Brachvogelstrassw,, Landwehrkanal, Berlim, 2013, Ana Luiza C. da Rocha.

## Referências

ANDRE, M. La forêt, une passion allemande. *Magazine Books*, La forêt et nous, special été, n. 99, juillet/aout, Paris, 2019.

AUGÉ, Marc. Voyage et ethnographie. La vie comme récit. In: *L'Homme*, Récits et rituels. t. 39, n.151. p. 11-19, 1999.

BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: A. Colin, 1966.

CALDEIRA, T. *Cidade de muros*. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2003.

CAUQUELIN, A. *L'invention du paysage*. Paris: PUF, 2000.

CONFINO, A. The national as local metaphor: Heimat, national memory and the German empire, 1871-1918. *History and Memory*. v. 5, p. 52-85, Spring/Summer, 1993.

- CORRÊA, S. M. de S. Cultura e Natureza na “África alemã”. In: *Tempos Históricos*, v. 15, 2. Sem., p. 363-381, 2011.
- CROSBY, A. *Ecological imperialism: the biological expansion of Europe, 900-1900*. Cambridge University Press, 1986.
- DELÉAGE, J.-P.; HÉMERY, D. De l'éco-histoire à l'écologie-monde. *L'Homme et la société*. n. 91-92, p. 13-30, 1989.
- DEPRAZ, S. Ancrage culturel d' un imaginaire. De la forêt aux parcs naturels allemands, une mise en scène de l'univers du conte? *La Grande Oreille. La revue des arts de la parole*, n. 24, p.54-58, juil. 2005. Numéro thématique: Bois et sous-bois: contes en forêt.
- DEVEZE, M. “Les forêts de l' Allemagne au XV<sup>e</sup> siècle”. *Revue Forestière Française*. Paris, v.6, 1962.
- DURAND, G. *Beaux-arts et archétypes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989b.
- DURAND, G. *Figures mythiques et visages de l'œuvre*. Paris: Berg International, 1979.
- DURAND, G. *Introduction à la mythologie: mythes et sociétés*. Paris: Hatier, 1994.
- DURAND, G. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1989a.
- DURAND, G. *Champs de l'imaginaire*. Grenoble: ELLUG, 1996.
- DURAND, G. *Mito e sociedade*. A mitanálise e a sociologia das profundezas. Lisboa: Presença, 1983.
- DURAND, G. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Presença, 1982.
- DURHAM, E. R. *A dinâmica da cultura*. Ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013a.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *As metrópoles contemporâneas e seus ritmos temporais*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013b.

- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. *Revista de Ciências Sociais, Política e Trabalho*, n. 34, p.107-126, abr., 2011.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de rua e a câmera na mão. *Revista Eletrônica Studium*, Campinas: Unicamp, 2001/2002.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.
- ELIAS, N. *Os alemães*. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FAÏSSE, C. et al. Palaeoenvironmental and archaeological records for the reconstruction of the ancient landscape of the Roman harbour of Narbonne (Aude, France). *Quaternary International*, v. 463, p. 124-139, 2018.
- FRÚGOLI, H.; ANDRADE, L. T.; PEIXOTO, F. A. (Orgs.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Pucminas/EdUSP, 2006.
- GROVE, R. *Ecology, Climate, and Empire: Colonialism and Global Environmental History, 1400-1940*. Cambridge: Cambridge Press, 1997.
- GRUZINSKI, S. *La Guerre des Images - de Christophe Colomb à "Blade Runner" (1492-2019)*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1990.
- HARRISON, R. *Fore ts*. Essai sur l'imaginaire occidental. Paris: Flammarion, 1992,
- LEKAN, T. Regionalism and the politics of landscape preservation in the third Reich. *Environmental History*, v. 4, n. 3, p. 384-404, Jul., 1999.
- LEKAN, T. ZELLER, T. (Eds.). *Germany's nature: cultural landscapes and environmental history*. Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2005.
- LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra: a memória e os ritmos*. Lisboa: Ed 70. 1975. v. 2.
- LEWI, A. *Le sentiment de la nature chez les écrivains romantiques*. Paris: Bordas, 1992.
- MAFFESOLI, M. *Au creux des apparences*. Pour une *étique* de l'esthétique. Paris: Plon, 1990.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

- MAGNANI, J. G. e TORRES, L. *Na metrópole*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.
- OLIVEN, R. G. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- PAYEN, P. Éléments d'une anthropologie du voyage Lévi-Strauss et Hérodote. *Caravelle*, n. 96, p. 179-200, 2011.
- PROENÇA LEITE, R.; FORTUNA, C. (Orgs.) *Plural da cidade*. São Paulo: Almedina, 2009.
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. *RUA*, a. 16, n. 1, p. 121-145, 2010.
- ROCHA, A. L. C. da; NUNES, M.F.; FIGUEIREDO, J. A. S. Memória do trabalho e memória ambiental: as indústrias de curtume do Vale do Rio dos Sinos/RS. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 21, n. 1, p. 173-188, 2019.
- ROCHA, A. L. C. da; NUNES, M.F.; FIGUEIREDO, J. A. S. Sinos River Hydrographic Basin: urban occupation, industrialization and environmental memory. *Braz. J. Biol.*, São Carlos, v. 75, n. 4, supl. 2, p. 3-9, dez. 2015.
- ROGER, A. *Court traité de paysage*. Paris: Gallimard, 1997.
- ROLLINS, W. H. Imperial shades of green: conservation and environmental chauvinism in the German colonial project. *German Studies Review*, v. 22, n. 2, May 1999.
- SALOMON, F.; PURDUE, L.; GOIRAN, J.-P.; BERGER, J.-F. Introduction to the special issue: Roman canals studies – main research aims. *Water History*. v. 6, p. 1-9, 2014.
- SANSOT, P. *Poétique de la ville*. Paris: Payot et Rivages, 1996.
- SCHAMA, S. *Paisagem e Memoria*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SILVA, D. G. G.; ALBUQUERQUE, M. da C. Hail Arminius! O pai dos alemães! a construção mítica da unificação alemã entre 1808 e 1875. *Topoi*, v. 18, n. 35, p. 330-355, jul. 2017.
- SILVEIRA, F. L. A. As paisagens missionárias gaúchas nos relatos de viagem, ou por uma etnografia do olhar-viajante nas Missões. *Revista Iluminuras*, v. 11, n. 26, 2010.
- SIMMEL, G. A filosofia da paisagem. *Política e Trabalho*, João Pessoa, n.12, p. 15-24, set. 1996.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VITTE, A. C. A preservação da paisagem e a conservação da natureza no III Reich. *Confins: Revue franco-brésilienne de géographie. Revista franco-brasileira de geografia*, n. 32, set. 2017.

